

## Bernardo Magina – Jardim do Céu

Bernardo Magina trabalha com desenho, pintura e suas possibilidades para fora da tela, expandindo a chamada “pintura de cavalete” para a arquitetura, fugindo do que veio a se tornar a composição clássica. Em 2015, teve uma experiência em Bogotá, na Colômbia, que transformou sua percepção de arte pública e/ou urbana: “Alguns bairros dão a sensação de se estar caminhando dentro de grandes pinturas, que são resolvidas basicamente pelo uso da cor, diferentemente do trabalho gráfico normalmente desenvolvido nas ruas. Pensar a expansão da pintura, para mim, sempre esteve associado a essa experiência.”, diz. Suas pinturas além do quadro – em muros, painéis, quadras, murais e paredes – têm também relação, mesmo que indireta, com o muralismo mexicano, mais especialmente Orozco e Siqueiros. Todavia, o muralismo chileno, das Brigadas Ramona Parra, é com o qual tem mais afinidade.

Algumas pessoas chamam de Capelinha este local onde nos encontramos envoltos em pintura. Ele não é, de fato, uma casa de oração. Ao menos, não oficialmente. Diversos artistas, não só na Idade Média e na Renascença, mas também modernos e contemporâneos, pintaram interiores de capelas ou templos. Por vezes, o artista – não especificamente Magina – pretende que aquele que entra em contato com sua arte atinja uma espécie de elevação. Talvez, até um êxtase.

Em *Jardim do Céu*, de acordo com Magina, o sagrado reside na imaginação e no transporte para uma dimensão que o trabalho evoca, provocando o olhar do público a viajar pela obra sem destino certo. Ele é um estudioso das cores e de suas relações. Investiga o que chama de quarta dimensão da cor: o tempo. A pintura nos transporta para um estado de transcendência. Quem sabe até alargando o tempo. Aqui, por meio da modulação dos tons, molda o espaço.

Neste ambiente imersivo pictórico, o artista desenhou abstrações, flertando com a figuração em alguns momentos, buscando uma ambiguidade. De acordo com ele, “isso

se dá dentro da ideia de construção de uma paisagem”. São elementos que vão se conectando e formando um novo lugar imaginativo.

Bernardo Magina convoca o público a desbravar o universo de sua pintura, sem contudo sufocar-se com ela.

André Sheik, julho de 2022.